

# Configurações e olhares sobre o espaço público: as praças no contexto da cidade

## A look to urban public spaces and their settings: city squares in city contexts

Carlos Roberto Loboda<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho consiste numa reflexão sobre o entendimento dos espaços públicos urbanos (praças públicas) não somente como elementos físicos, materializados e dispersos pela malha urbana. Serão abordados, de forma sintética, os usos e não usos desses locais, sua morfologia, graus de apropriação e seus potenciais de acesso a todo cidadão. Para tanto, efetuamos uma análise das dezesseis praças existentes em Guarapuava, Estado do Paraná. A cidade conta com aproximadamente 160 mil habitantes e está situada na região Centro-Sul deste estado. A partir de levantamentos *in loco*, analisamos a estrutura interna desses locais e as formas de utilização dos mesmos pela população guarapuavana. Estabelecemos dois períodos distintos: (1) do início do núcleo urbano até a década de 1970, (2) o relativo ao processo de urbanização recente, a partir da década de 1980. A partir dos dados coletados nos levantamentos, e de sua relação com os fundamentos teóricos que orientam nossa reflexão, apresentamos uma análise não só da situação desses espaços, mas da abrangência e pertinência dos espaços públicos e suas funções na estruturação da cidade atual.

Palavras-chave: Espaços públicos; estruturação da cidade; produção do espaço urbano.

### Abstract

This paper is aimed to be a reflection about the understanding of open urban public spaces (city squares) not only as physical elements,

---

<sup>1</sup> M.Sc. Geógrafo; Doutorando em Geografia na Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente/UNESP; Bolsista CAPES; E-mail: crloboda@yahoo.com.br

materialized and spread over urban areas. We selected sixteen city squares of Guarapuava city and briefly approached the use/non-use of such places, their morphology, their degrees of social appropriation and their handicapped accessibilities. Approximately 160,000 people live in this city, which is located in the south-central part of the Paraná State. Based on in loco observations, we analyzed both the internal structure of urban public spaces and how Guarapuava's inhabitants use them. Two different periods of analysis were defined: (1) from the beginning of the urban settlement to the 70's, (2) and from the 80's up to now – today's urbanization. In this paper, we present an analysis of such urban public spaces concerning their usefulness, conditions, accessibility, relevance and their function in today's city structuring, based on the data collected from our surveys and their relation to the theoretical fundamentals, which guide our reflection.

Key words: Public spaces; city structuring; production of the urban space.

## **Introdução**

No que concerne aos aspectos teóricos, o presente texto insere-se num ramo da Geografia denominado de Geografia Urbana, e mais especificamente em uma linha de pesquisa sobre os “espaços públicos urbanos”. Busca-se, assim, chamar a atenção para a importância dos estudos relacionados à cidade e à vida urbana e, especialmente, aos seus locais públicos, as praças.

A Geografia, enquanto ciência social tem por desafio a compreensão dessa problemática em sua perspectiva socioespacial. São significativas as contribuições recentes sobre a relação público e privado nas cidades, principalmente no que tange às transformações na relação desse par dialético, notadamente na cidade contemporânea.

As transformações ocorridas na cidade e em seus respectivos espaços

públicos, em razão de determinações de ordem socioeconômicas, ambientais, estéticas, lazer, entre outras, tem sido tema de diversos pesquisadores, especialistas que interessam ao tema, como as e de disciplinas que integram recortes analíticos que possibilitam o estudo da produção do espaço urbano.

A cidade é um amalgama de permanências e mudanças (LE GOFF, 1998). Ou ainda, considerando de forma mais específica, Lefebvre (2001), para quem “a cidade tem uma história, ela é obra de uma história, isto é, de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”, ou seja, longe da ideologia da homogeneização espacial em tempos de globalização, percebemos que a cidade atual se apresenta mais que nunca como o espaço resultante do acúmulo de tempos e expressão de diferenciação socioespacial. As cidades de cidadãos exibem representações espaciais do exercício da cidadania

e, ao mesmo tempo, de exclusão e fragmentação (GOMES, 2002).

Na concepção de alguns autores, a Geografia pouco tem se ocupado da discussão do espaço público urbano (SERPA, 2004 e GOMES, 2002). Embora, não somente na perspectiva da Geografia, mas de outras ciências afins, vários estudos sobre o processo de produção da cidade abordam questões que interessam ao tema aqui tratado, como as referentes à privatização, fragmentação, segregação urbana, exclusão urbana, conjuntos polifuncionais, *shopping centers* etc.

É necessário, nas atuais circunstâncias, compreender as nossas praças, enquanto espaços públicos urbanos e não, somente, como estruturas físicas dispersas pela malha urbana, mas analisar seus usos e não usos, sua morfologia e grau de apropriação pela sociedade, seus potenciais de acesso a todo cidadão para a realização de funções diversas da vida, pois, ocorre nas praças uma multiplicidade de manifestações de ser e estar no espaço urbano. Torna-se necessária uma leitura desses espaços a partir da construção de uma dialética entre a disposição física desses “lugares” e as atividades socioespaciais que neles se desenvolvem. Estes elementos são condicionantes imprescindíveis para a análise da apropriação socioespacial urbana e suas dinâmicas.

O espaço público é tão antigo quanto a cidade (GOMES, 2002; YAZIGI, 2000). As diferentes concepções construídas ao longo do processo histórico oferecem um perfil desses espaços, representados hoje pelas praças, além, é claro dos parques e vias, que são, igualmente, espaços públicos. É coerente afirmar-se que as

primeiras cidades tiveram sua gênese associada à constituição de locais de encontro, como foi o caso da ágora grega ou, ainda, a símbolo do poder político, ou continham locais de tomadas de decisões publicamente como o fórum romano. De acordo com Saldanha (1993), esses locais eram centrais e vitais, historicamente reconhecidos como o ponto de encontro dos cidadãos e símbolo da participação do povo na atividade política.

É, nesse sentido, que consideramos o elemento “praça” como um reduto de tradições, local que já foi o centro de decisões importantes como os locais centrais das antigas cidades, espaços que acolhiam muitas das principais atividades dos núcleos urbanos, como reuniões religiosas, cívicas e recreativas, além do comércio, como feiras e mercados.

Se observarmos o processo histórico da urbanização em nosso país, podemos constatar que as praças surgiram a partir dos adros das igrejas, assumindo naquele período um caráter de cunho religioso pelo fato de serem espaços, por excelência, das procissões, festas, quermesses, atos cívicos, dentre outros (MARX, 1991 e REIS FILHO, 1968).

Entretanto, não podemos dizer o mesmo das praças de hoje, pois estas perderam inúmeras funções, principalmente no que diz respeito à humanização e a sociabilização. No entanto, para uma análise das praças públicas atuais, faz-se necessário estarmos atentos às transformações desses locais à luz das novas tendências da cidade contemporânea. Numa sociedade em que as relações são mediadas pelo mercado, os espaços privados são mais valorizados do que os espaços públicos. O surgimento

de novas práticas de lazer, algumas delas realizadas nos espaços residenciais, a privatização do público e/ou a reversão do sentido coletivo da nossa existência, são alguns dos aspectos mais aparentes que acentuam essa concepção, ou seja, já não é mais possível pensarmos os espaços públicos urbanos tal como eram na cidade tradicional.

Enfim, essas inquietações levaram-nos a discutir os espaços públicos e suas funções indispensáveis ao processo de estruturação da cidade. Nesse sentido, nossa preocupação mais imediata é

justamente analisar a atual dinâmica estrutural imanente à cidade que se contraponha a noção clássica de espaço público. Buscamos enfatizar como a população cidadina se apropria, ou não, cotidianamente dos espaços ditos públicos e quais são as possibilidades dessas parcelas do espaço urbano contribuírem para a formação de uma noção de espaço público na cidade do século XXI. Como estudo de caso, nosso referencial empírico é uma cidade de porte médio situada na Região Centro-Sul do Estado do Paraná (Figura 1).

**Figura 1.** Localização geográfica do município de Guarapuava - PR



Como nossa preocupação está aqui centrada na caracterização dos espaços públicos (praças), lançamos mão do “trabalho de campo” para levantamento dos dados empíricos *in loco*, visto que esse instrumental mostrou-se mais eficiente para fazer frente a nossa proposta. Nesse sentido, estabelecemos um itinerário de observação direta nas praças. A observação e a escuta nesses espaços públicos permitiu-nos detalhar parte da experiência das práticas socioespaciais cotidianas neles estabelecidas em diferentes dias e períodos.

### **Caracterização da cidade de Guarapuava e suas praças**

Como nosso enfoque está centrado na forma como a sociedade guarapuavana se utiliza da cidade e principalmente dos seus espaços públicos (as praças públicas), nos limitaremos aqui a enfatizar os aspectos que consideramos mais significativos do ponto de vista dos usos para atividades diversas, abarcando uma série de sentidos intrinsecamente ligados às questões socioculturais e dos costumes locais ao longo do tempo histórico.

Nesse caso, o que nos parece relevante são os períodos significativos, ou seja, aqueles em que as mudanças têm um peso considerável no processo de produção da cidade. Mesmo porque as mudanças, em maior ou menor grau, ocorrem a todo tempo. O movimento da sociedade é uma combinação entre as permanências e mudanças (LEFEBVRE, 2001 e SANTOS, 1997).

Embora este trabalho tenha o enfoque na caracterização dos espaços públicos da cidade atual, não podemos

prescindir de uma análise sistemática, talvez por isso simplificada da produção da cidade e seus espaços públicos e sua relação com o binômio espaço e tempo, isso é fundamental no sentido de formularmos uma noção de espaço público, além, é claro da base para a formação da atual noção desses “lugares” na cidade. Para fazer frente a essa demanda, estabelecemos dois períodos distintos de análise: (1) do início do núcleo urbano até meados do século XX (2) o relativo ao processo de urbanização recente de Guarapuava. Enfatizamos que para o entendimento das mudanças e funções diferenciadas que os espaços públicos exerceram e, continuam a exercer, é fundamental recorrermos ao tempo histórico da cidade e seus “lugares” de convivência.

### **Do início do núcleo urbano até a década de 1970**

O início do aglomerado urbano que deu origem à Freguesia de Nossa Senhora de Belém, povoamento que originou a Cidade de Guarapuava, deu-se em 1819. Tendo em vista as estreitas relações existentes entre a Igreja e o Estado na época, foi nomeado o Padre Francisco das Chagas Lima para escolher o local da nova sede para constituir a paróquia, local este onde se originou o núcleo urbano da povoação.

A ocupação do sítio urbano e a primeira orientação à constituição de sua morfologia urbana deu-se em torno dos símbolos municipais, formados pelo prédio da Câmara Municipal, a Cadeia, além da Igreja Nossa Senhora de Belém, localizados em privilegiado patamar topográfico. De acordo com Souza (1995),

o fator topográfico teve grande influência na expansão territorial da cidade, pois ela se situa em topografia suave e ondulada, o que possibilita a demarcação do traçado ortogonal, tradicionalmente conhecido como tabuleiro de xadrez.

As modificações ocorridas no núcleo urbano, no período que vai até o início do século XX, estiveram estreitamente ligadas à evolução da economia tropeirista com a consolidação e inserção de Guarapuava na atividade tropeira que ocorreu em meados do século XIX, pois ficava na rota dos tropeiros que traziam gado da região das Missões (RS), para a feira de Sorocaba (SP), caminho este conhecido como “Caminho das Missões”. Um dos fatores importantes e que certamente refletiu na estruturação da cidade foi a própria crise da atividade tropeirista na região, extinta completamente no final da década de 1930 (SILVA, 1999), quando muitos fazendeiros deixaram o campo e passaram a residir na cidade. A casa na cidade, simbolizava para os fazendeiros o *status* adquirido por meio da comercialização do gado e muares, ou seja, a cidade passa a ser o local onde gozavam do poder econômico e político subsidiado pela concentração da renda (MARQUES, 2000).

Paralelamente à atividade tropeirista, a extração da erva-mate foi desempenhada por uma população que vivia à margem da atividade tropeira. Essa extração tornou-se a mais importante na região, tendo em vista a decadência do sistema tropeirista no final do século XIX e início do século XX (SILVA, 1995). É nesse sentido, que a cidade permaneceu até meados do século XX, enquanto um “apêndice” das áreas rurais de sua hinterlândia.

Do ponto de vista das interações socioespaciais, observamos que essas práticas ocorriam principalmente na área central da cidade em torno dos prédios públicos e das construções da elite campeira que passaram a se estabelecer na cidade. Uma análise mais acurada dos espaços públicos nesse primeiro período abordado reporta-nos exclusivamente para as praças públicas mais antigas (largos) e a rua principal (o atual calçadão), considerando que surgiram desde o período inicial da cidade até a década de setenta o número de sete praças.

Comparado com as praças mais recentes, aquelas geralmente ocupavam todo o quarteirão, seguindo o plano inicial de expansão da cidade e seu estilo colonial, enquanto as atuais, geralmente, estão condicionadas a partes do quarteirão, ou então, a resíduos de espaços entremeio aos novos loteamentos que parecem ter uma preocupação que não aquela do viver a cidade, mas simplesmente habitar nela, onde a necessidade básica é a do morar.

Considerando esse primeiro período, apresentamos, no quadro 1, a relação das praças surgidas até a década de 1970<sup>2</sup>.

---

2 É necessário abrimos um parênteses aqui. Os anos indicados no quadro expressam a relação das praças criadas por lei/decretos pela Câmara Municipal. Entretanto, é necessário frisar que estes espaços já assumiam suas funções de espaço público, mesmo antes de sua efetivação legal.

**Quadro 1.** Relação das praças de Guarapuava até a década de 1970

Nº	Nome da Praça	Localização	Bairro	Ano
1	Nove de Dezembro	Rua XV de Novembro/Rua Mal. Floriano Peixoto	Centro	1945
2	Saudade	Rua Professor Becker/Rua Tiradentes	Trianon	1964
3	Padre Paulo Tschorn	Av. Pref. Moacir Julho Silvestre/Rua Rio de Janeiro	Dos Estados	1966
4	Eurípio Rauen	Rua Professor Becker/Rua Mal. Floriano Peixoto	Centro	1972
5	Cândido Xavier de Almeida e Silva	Rua Brigadeiro Rocha/Rua Arlindo Ribeiro	Centro	1972
6	Coronel Luiz Daniel Cleve	Rua XV de Novembro/Rua Azevedo Portugal	Centro	1972
7	Juscelino Kubitschek de Oliveira	Rua Presidente Zacarias/Rua Andrade Neves	Santa Cruz	1977

Fonte: Departamento Jurídico da Prefeitura Municipal de Guarapuava e levantamento de campo (2006).

Grande parte das praças de Guarapuava foi projetada e adaptada ao sítio urbano a que se ligavam e ao momento histórico em que apareceram. Nas mais antigas, com exceção da Praça Nove de Dezembro, que passou por reformulações, privilegiaram-se planos com caminhos ortogonais, cruzados em um espaço aberto central, trazendo as características do tipo de colonização por qual passou o local.

A seguir, de forma sintetizada, apresentamos uma caracterização individualizada das praças de Guarapuava. Mais que uma simples descrição, procuramos apresentar indicativos de como, a partir da estruturação do “lugar”, o cotidiano se apresenta nessas parcelas da cidade enquanto espaços da interação socioespacial ao longo do processo de produção da cidade.

*Praça Nove de Dezembro (n.º. 1):* A mais central e antiga praça da cidade. Uma referência histórica para se entender o desenvolvimento da cidade, desde os

primórdios do pequeno núcleo urbano, quando era conhecida como o Largo da Matriz. É, até hoje, um importante espaço público do município. Trata-se do local onde ocorriam as tradicionais festas da padroeira Nossa Senhora de Belém, pois era o ponto de encontro para fins religiosos, comerciais, cívicos e culturais. Está localizada em frente à Matriz Nossa Senhora de Belém e ao lado do Museu Municipal, locais marcantes, do ponto de vista do processo histórico, formando um conjunto marcado por ser um reduto de características arquitetônicas da cidade colonial. O dinamismo atual das atividades no centro da cidade “moderna” confere a esse espaço, hoje, uma característica de praça de passagem, sobretudo no horário comercial e de espera por curto espaço de tempo da parte de pessoas que aguardam horários de compromissos e atividades realizadas nos locais financeiros e de serviços. O excesso de transeuntes afeta o potencial de lazer contemplativo e ativo que a

praça pode oferecer. Em função de sua localização central, é freqüentada pelos diversos segmentos sociais: aposentados, vendedores ambulantes, ilusionistas, prostitutas, dentre outros, reforçando a multiplicidade de formas de ser e estar no espaço. Na área central, onde convergem todos os caminhos que dão acesso à praça, encontra-se um monumento onde foram enterradas as cinzas do Padre Francisco das Chagas Lima (Benemérito fundador da cidade de Guarapuava)<sup>3</sup>, conferindo ao local uma simbologia que lhe é peculiar.

*Praça da Saudade (n.º 2):* Por estar situada em frente ao Cemitério Municipal, a “toponímia venera memória das pessoas falecidas” (DALLAVECHIA et al, 1989). Uma característica marcante em relação às praças guarapuavanas desse período é sua relação estreita com a religião. As praças mais antigas geralmente estão associadas a uma igreja. Aspecto que tem uma relação direta com o estilo de colonização da cidade.

*Praça Padre Paulo Tschorn (n.º 3):* Praça localizada em bairro residencial que teve seu projeto original alterado com a construção do ginásio de esportes Padre Paulo Tschorn no interior da praça na década de 1980 (local onde freqüentemente ocorrem competições), atraindo, sobretudo os jovens a esse espaço. Em um de seus lados, vamos encontrar a Creche Santa Terezinha e o Colégio Antônio Tupi Pinheiro. Em

frente à praça, encontra-se a Igreja da Paróquia Santa Terezinha, em função da qual a praça é comumente conhecida pelo nome homônimo. Apresenta ainda um busto em homenagem ao Padre Paulo Tschorn por suas benfeitorias no local, que se apresenta sem identificação e pichado, caracterizando o espaço como *locus* de grupos que o freqüenta e fazem questão de inscrever e delimitar formas de apropriação da praça.

*Praça Eurípio Rauén (n.º 4):* Situada na divisa entre o núcleo inicial da cidade e, hoje, o Bairro Trianon, o local é considerado um dos cartões postais da cidade. Localiza-se entre o Hospital São Vicente de Paulo e uma área residencial militar pertencente ao exército. Sua história é muito interessante, visto ter passado por várias transformações ao longo do tempo. Já recebeu várias denominações, como Lagoa dos Padres, Lagoa do Padre Ângelo, Lagoa do Hospital, Praça da Independência, até sua denominação atual. A praça é, tradicionalmente, conhecida pela população como “Lagoa das Lágrimas”, nomeação esta, em virtude da lenda atribuída às lágrimas derramadas pelas índias, quando seus noivos, maridos, pais e irmãos tombavam na luta contra os brancos (MARCONDES, 1998). Caracterizando as praças enquanto locais de manifestação de manifestações cívicas, o local apresenta um busto em homenagem ao Presidente Humberto A. Castelo Branco, em reconhecimento do Município de Guarapuava pela reforma municipalista que implantou no País, e um monumento de identificação do Lions Clube Internacional de Guarapuava. Seu uso cotidiano reflete na ocupação

---

3 É conveniente frisarmos aqui, que parte das informações levantadas e apresentadas ao longo do texto, estão expressas em placas de inauguração ou então de homenagens encontradas nos monumentos das próprias praças.



desse vasto espaço para as mais variadas funções: contemplação, prática esportiva, caminhadas, ciclismo, dentre outras.

*Praça Coronel Luiz Daniel Cleve (n.º 5)*: A praça em questão é uma das que está situada ao longo da Rua XV de novembro, “artéria da cidade” para usar aqui a expressão de Sennet (1998). Considerada uma das praças mais antigas da cidade foi inaugurada, oficialmente, no ano de 1973. O traçado dos caminhos é simples, demarcado por duas vias ortogonais que se cruzam criando um espaço central e dividindo a praça em quatro retângulos. Pode ser considerada uma praça temática, uma vez que aproximadamente 75% do local é destinado ao lazer, o que proporciona entretenimento às diversas faixas etárias. Dispõe de um busto em homenagem ao Coronel Luiz Daniel Cleve (Visconde de Guarapuava) e um monumento à Liberdade de Sete de Setembro de 1972. O local é bem freqüentado, tendo em vista a presença de ponto de ônibus, utilizado por aqueles que se deslocam para locais distritos vizinhos e usufruem do local como ponto de espera. É, geralmente, utilizada nos finais de semana por grupos de jovens que freqüentam barzinhos e lanchonetes ao longo do calçadão, o principal ponto de encontro da cidade.

*Praça Cândido Xavier de Almeida e Silva (n.º 6)*: Praça situada em frente ao Paço Municipal, apresentando terreno suavemente inclinado, em cujo centro há uma concha acústica - a única existente nas praças de Guarapuava e que, raríssimas vezes, é utilizada, a não ser, em datas comemorativas, ocasiões especiais e shows esporádicos (hip hop e rap). Talvez, aqui, uma alusão às cidades

gregas, onde existiam locais apropriados para as discussões pertinentes aos interesses da coletividade. Embora, atualmente, estes debates tenham se transferido para um local específico (a Câmara de Vereadores), onde um grupo de pessoas tem “teoricamente” a função de representar a população local nos debates e formulação de normatizações que contemplem os interesses gerais da população.

*Praça Juscelino Kubitschek de Oliveira (n.º 7)*: Praça de grande porte localizada em frente à Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO. Seu desenho apresenta caminhos ortogonais que se cruzam criando um espaço central e dividindo o espaço em quadriculas, tem poucos bancos dispostos ao longo desses caminhos. Em virtude de a praça situar-se em nível mais elevado, apresenta escadarias de acesso em frente à Universidade e à Rua Frei Caneca. Os caminhos internos bem espaçados ainda dispõem de canteiros, além de contar com parque infantil em área específica, dotado de *playground* e quadra de esportes. O local, geralmente, é utilizado por universitários, visto sua localização. No entanto, apesar dessas condições, a praça é mais utilizada enquanto local de passagem de transeuntes que cortam caminho em direção ao centro da cidade ou serve de lazer rápido para a população do entorno.

Ao concluir esse item sobre as praças mais antigas de Guarapuava queremos enfatizar que mesmo estando em um momento em que os espaços públicos são privatizados e os meios midiáticos definem cada vez mais nossas relações sociais, continuamos a

fazer uso das nossas praças, visto que esses “lugares” possibilitam níveis de satisfação e interação socioespacial e gratuidade que os novos espaços sociais emergentes como clubes sociais e galerias comerciais não oferecem.

Como nos lembra Santos (1997), as mudanças estruturais não podem recriar todas as formas o que nos leva a utilizar em nossa análise as formas do passado ou as “rugosidades do espaço”. Produz novas formas, funções e estruturas sem que as antigas tenham, necessariamente, desaparecido, apontando uma contradição importante entre as “persistências” - o que resiste e se reafirma continuamente enquanto referencial da vida - e o que aparece como “novo” centro inexorável do processo de modernização (CARLOS, 2004).

Essa reflexão não assume aqui o sentido de retratar um espaço público visto de forma saudosista, mas sim para enfatizar que o espaço público urbano atual é um espaço em redefinição. Para a análise desses locais, além da noção desses ao logo do tempo histórico (suas transformações), faz-se necessário estarmos atentos para as novas tendências da cidade contemporânea.

Em relação a essa questão, vale ressaltar a afirmação de Sposito (2005, p. 90) de que se faz necessário estudar as diferentes relações entre os diferentes usos do espaço urbano. “Não é suficiente localizar usos de solo num dado corte de tempo, mas sim, buscar a gênese das localizações e relações que estabelecem entre elas, por meio da estruturação da cidade”. O que justifica esse tipo de análise, primando pela permanência dos espaços públicos urbanos em nossas

cidades é o fato de que nem todos os nossos cidadãos dispõem do livre acesso à cidade como um todo, como por exemplo, a “lugares”, ditos emergentes, como o caso dos *shoppings centers*, galerias comerciais centrais, clubes sociais, dentre outros.

É nessa perspectiva que a materialização das formas nada mais é do que o resultado e/ou produto das práticas socioespaciais num determinado tempo e espaço. Como frisou Carlos (2001, p. 175) “é conveniente insistir que o espaço geográfico articula duas dimensões, aquela da localização e aquela que dá conteúdo a essa localização, que qualifica, singulariza”.

### **O processo de urbanização recente a partir da década de 1980**

Considerando o segundo período aqui tratado, observamos que este foi e continua sendo caracterizado por profundas alterações na estruturação da cidade. A introdução de novo contingente populacional, vinculada às inovações tecnológicas, acarretou o aprofundamento das relações capitalistas de produção. Observa Marques (2000) que,

ainda na década de 1950, a instalação de imigrantes suábios em terras guarapuavanas, que deram origem a “Colônia de Entre Rios”, iria transformar substancialmente as relações fundiárias nessa região na medida em que, junto com eles, implantar-se-á a lavoura mecanizada, modificando as bases produtivas e também a situação da posse da terra, que era fundamentada na relação latifundiário-proprietário rural (MARQUES, 2000, p. 40).

A partir da década de 1950, verificamos a articulação de novas variáveis no processo de estruturação da cidade. Paralelamente às novas bases produtivas ou, então, para dar sustentação aos novos padrões de produção, observa-se um incremento no setor de transportes. As vias receberam atenção especial por parte do governo, ampliando-se o ramal ferroviário que desde início do século XX era esperado e representava a expectativa da elite guarapuavana de inserção de Guarapuava no cenário econômico nacional, o que veio se concretizar. O incremento da interligação do município e, particularmente, da cidade com outros centros urbanos dinamizou o processo de escoamento dos produtos regionais. Na perspectiva de Silva (1995), o asfaltamento da BR 277 e o estabelecimento de uma ligação direta entre Foz do Iguaçu a Curitiba (a capital) abriu novas perspectivas para a economia do município e acentuou o aprofundamento das relações capitalistas de produção.

Essa mudança está diretamente atrelada à idéia de Santos (2005) de que “as cidades locais mudam de conteúdo”.

Antes eram as cidades dos notáveis, hoje se transformaram em cidades econômicas. [...] A cidade dos notáveis, onde as personalidades importantes eram, o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica (SANTOS, 2005, p. 127).

Se no sistema de produção tradicional, a cidade era o “apêndice” do campo, nessa nova conjuntura, a modernização da agricultura nos campos

de Guarapuava, ela passou a comandar o espaço produtivo. Não se trata, no entanto, de uma posição de dualismo em que a cidade se opõe ao campo, mas sim de um processo de simbiose, em que cidade e campo retroalimentam-se, porém com a sobreposição da cidade sobre o campo (MARQUES, 2000). A ideologia da elite guarapuavana pela modernização já anunciava que Guarapuava deveria ter as características de uma cidade “sempre nova” (SILVA, 1999, p. 100), tentando camuflar a dimensão temporal, os vestígios da sociedade tradicional campeira e que não contava mais sua história, mas que enfatizava um novo contexto reificado por uma ruptura com o passado e pela incorporação de idéia de modernidade.

Um estudo sobre o perfil da cidade de porte médio (GUARAPUAVA, 1986) enfatiza que, a partir de 1960, a especulação imobiliária já se fazia notar na redução da oferta de terrenos nas áreas centrais da cidade. Reforçando a idéia de Kobelinski (1994) de que a incorporação de terrenos devolutos nas circunvizinhanças do centro obrigava os cidadãos de menor poder aquisitivo, que ocupavam essas áreas, a se afastarem para locais distantes, isto é, das áreas consideradas mais valorizadas. Enquanto nas áreas periféricas da cidade a infraestrutura incipiente era contraposta aos investimentos na área nobre da cidade, atribuindo a essas últimas um sentido de uso coletivo.

A expansão recente da cidade de Guarapuava não difere do contexto da urbanização brasileira e suas especificidades, na perspectiva de Silva (1995) deu-se pela dispersão e exclusão

das camadas pobres da população ao lado de investimentos em áreas valorizadas por meio do processo de verticalização da área central, da descontinuidade da expansão decorrente da incorporação de áreas resultantes de práticas individuais e pela valorização diferencial da terra urbana.

Esse processo de estruturação veio acompanhado de obras como a construção do novo Terminal Rodoviário no início da década 1990 em local fora da área central, culminando com um processo de valorização imobiliária da sua hinterlândia no bairro Bonsucesso. Ressaltamos, nesse contexto, a produção dos espaços públicos urbanos, notadamente na década de 1990, com a criação dos grandes parques urbanos. A preocupação do poder público esteve e continua calcada na iniciativa de tornar a cidade esteticamente agradável e “ambientalmente correta”. Mesmo que esse processo seja resultado das mais diversas formas de interesses e conflitos iminentes aos agentes produtores do espaço urbano.

Enfim, observamos que esse processo acaba por afetar diretamente as relações socioespaciais no espaço intra-urbano. A cidade passa a caracterizar-se pela segmentação e diferenciação, refletindo nas formas e práticas socioespaciais a complexidade estrutural das relações entre diferentes segmentos sociais. A respeito desse pressuposto, enfatizamos a concepção de Corrêa (2001, p. 145), que atribui importância a determinados fatos que contribuem para o entendimento dessa dinâmica como: a separação trabalho ↔ habitação; a coexistência de formas diferentes,

de tempos originários diferenciados; a desigualdade enquanto característica básica do espaço capitalista; e, a dinamicidade da sociedade, mutabilidade complexa vinculada aos ritmos e usos da cidade de forma diferenciada.

Enfatizando estudo das praças da cidade por nós realizado anteriormente (LOBODA 2003), no primeiro período compreendido entre a fundação do núcleo urbano até o final da década de 1970, observamos que a cidade contava com um número de sete praças. Número este que hoje chega a um total de dezesseis, indicando um aumento de mais de 100% nas últimas duas décadas e meia. Considerando o tempo analisado em cada período podemos dizer que houve um número significativo de implantações de praças na cidade. Porém, mesmo com esse percentual, observa-se que, diversos bairros recentes, não são contemplados pela existência desses espaços públicos, ou quando lá existem, não passam de um espaço vazio utilizados geralmente para um campinho de futebol.

A seguir, como procedemos anteriormente, apresenta-se no quadro 2, uma relação e caracterização das praças no referido período.

De acordo com sua estrutura interna/equipamentos, as praças públicas não exigem padrões ou regras de construção e seus parâmetros são estabelecidos de acordo com as características locais, as iniciativas da implantação e o momento histórico que determina as possibilidades de uso e apropriação desses espaços pela população.

No entanto, como veremos a seguir, o processo de produção recente da cidade de Guarapuava demonstra

**Quadro 2.** Relação das praças de Guarapuava a partir da década de 1980

Nº	Nome da Praça	Localização	Bairro	Ano
8	Pérola do Oeste	Rua Brigadeiro Rocha/Rua das Hortênsias	Trianon	1985
9	Mário Pereira de Oliveira	Rua das Violetas/Rua das Orquídeas	Trianon	1985
10	Estefano Turok	Rua Presidente Zacarias/Rua Professor Becker	Santa Cruz	1987
11	Ucrânia	Rua Saldanha Marinho/17 de Julho	Trianon	1992
12	Aldebran Rocha Farias	Rua Guanabara/Rua Uruguai	Morro Alto	1992
13	Luiz Cúnico	Rua Turíbio Gomes/Rua Dr. Roberto Cunha e Silva	Vila Bela	1993
14	Basílio Wolk	Rua XV de Novembro/Rua Pedro Siqueira	Alto da XV	1994
15	Fernando Gasparello	Rua Barão de Capanema/Rua Barão do Rio Branco	Batel	1995
16	Da Fé	Rua dos Pombos/Rua Vicente Machado	Bonsucesso	2003

Fonte: Departamento Jurídico da Prefeitura Municipal de Guarapuava e levantamento de campo (2006).

pelo número de implantação de praças, uma redução tanto da quantidade desses locais, como da área que se destinou a elas. Retratando, como enfatiza De Angelis (2000), as características das nossas praças públicas na cidade atual.

Praça, piazza, place, platz, square,... Espaço público, “cenário da vida urbana”, “palco coletivo”,... Urbanistas, arquitetos, geógrafos, sociólogos,..., definiram-na, conceituaram-na, caracterizaram-na. Deram-lhe funções e atributos os mais diversos. Ocupada por todo tipo de gente - pobres, ricos, desocupados, prostitutas -, já teve dias de grandeza, e hoje vai encolhendo, encolhendo, encolhendo, encolhendo, encolhendo... (DE ANGELIS, 2000, p. 46).

*Praça Pérola do Oeste (n.º 8)*  
- *Praça Mario Pereira de Oliveira (n.º 9)* Ambas situadas em área residencial e com as mesmas características, estrutura/equipamentos. Podemos considerá-las

como típicas praças de bairro. São, geralmente, utilizadas pela população local, de forma mais expressiva nos finais de semana.

*Praça Estefano Turok (n.º 10)*: Uma das menores praças de Guarapuava, este espaço em forma de triângulo é resultante da confluência de duas ruas. Sofreu alterações recentemente pela construção de uma rotatória no local e inversão no sentido das ruas que lhe dão acesso. Do ponto de vista dos equipamentos disponíveis, conta apenas com um ponto de ônibus. É um exemplo claro de espaços residuais, ou seja, aqueles que não podem ser aproveitados economicamente e acabam sendo utilizados como espaços públicos na cidade. O fluxo de pessoas no local é quase que constante, no entanto, realizado com o intuito de passagem.

*Praça da Ucrânia (n.º 11)*: É uma das maiores praças da cidade e o que é mais relevante é que está situada fora da área central. Dotada

de equipamentos como quadra poliesportiva e de areia, parque infantil com área própria, proporciona entretenimento às diferentes faixas etárias. Está situada em frente à igreja de rito ucraniano com suas imponentes cúpulas bizantinas, o que dá destaque ao conjunto dessa paisagem peculiar, além é claro, de caracterizar a relação espaço público e religião freqüente na cidade. Podemos dividir o logradouro em dois patamares distintos separados por escadarias: no primeiro, o terreno encontra-se mais elevado com árvores de grande porte e com bancos dispostos ao longo dos caminhos, em recuo; no segundo, em nível mais baixo, encontramos uma extensa área gramada. A praça em questão é geralmente freqüentada pela população do entorno para a prática de esportes, caminhadas nos fins de tarde e estudantes dos colégios existentes nas proximidades.

*Praça Aldebran Rocha Farias (n.º 12)*: O local denominado por lei como praça é, na verdade, um espaço que comporta a associação de moradores do Conjunto Residencial Daniel Mansani no Bairro Morro Alto. Vamos encontrar em seu interior um campo de futebol, quadra de areia e uma área destinada a um parque infantil.

*Praça Luiz Cúnico (n.º 13)*: Localizada em zona residencial do Bairro Vila Bela, a praça está situada ao longo da Avenida Turíbio Gomes. A área reservada para parque infantil não dispõe de nenhum tipo de equipamento, sendo tomada pela vegetação rasteira. O que se observa é certo abandono da área e por isso a utilização do local é esporádica. Esta praça, a exemplo de outros logradouros públicos da cidade,

está sendo reutilizada para novas funções pelo poder público, visto que está sendo construído um ginásio de esportes no seu interior.

*Praça Basílio Wolk (n.º 14)*: A menor das praças de Guarapuava, com uma área de 298,02 m<sup>2</sup>, é mais um dos locais situados ao longo da Rua XV de Novembro. Apesar de ser uma praça pública, o local é o exemplo de como se apresentam as relações entre público e privado na cidade. Criada por lei municipal, parte do local é particular, pois permite por meio de sua área acesso a uma residência. Apesar do espaço restrito, o local apresenta caminhos em paralelepípedos e encontra-se, no centro da mesma, um monumento em homenagem a Basílio Wolk, considerado um dos pioneiros guarapuavanos.

*Praça Fernando Gasparello (n.º 15)*: É evidente na implantação das praças mais recentes da cidade a diminuição desses espaços, ficando, muitas vezes, restritos à parte de quarteirões. Essa praça é mais um exemplo disso, apresenta apenas uma quadra esportiva com piso em areia e fechada com alambrado. Dispõe de duas pequenas áreas com piso em areia destinadas a parque infantil. Os brinquedos do parque infantil são confeccionados em ferro e pintados com cores fortes do tipo convencional, encontrando-se mal conservados, fato comum quando se trata da conservação desses locais que se encontram fora da área mais central da cidade.

*Praça da Fé (n.º 16)*: Criada no início dessa década possui uma área de 18.628,15 m<sup>2</sup> e está situada próxima à estação rodoviária da cidade. Seu projeto de construção teve como intuito

a recuperação de uma área degradada (antiga pedreira). Essa praça se destaca, não somente pelo fato de dar uso para um lugar outrora degradado, mas também pela sua dimensão territorial e projeto arrojado. Além disso, destaca-se, sobretudo, pela dinamicidade social do local, quando se constata que duas situações antagônicas passam a coexistir no mesmo espaço. Não foi por acaso que a praça recebeu essa denominação. O “lugar” passou a ser “palco” das maiores reuniões religiosas da região. Espaço onde os fiéis vão para ouvir as pregações, participar das missas campais e apresentações religiosas como, por exemplo, a encenação da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo no dia de Sexta-feira Santa, em que dezenas de milhares de pessoas se reúnem para o evento. No entanto, é também o “lugar” onde os grupos de jovens se reúnem para pequenos shows e passar o tempo. Caracterizando, nesse sentido, a coexistência num mesmo lugar do mundano (profano) e do sagrado (religioso) (DE ANGELIS, 2000).

Ao concluir nesse item relacionado às praças implantadas no período de urbanização recente de Guarapuava queremos enfatizar novamente que trabalhamos com aquelas praças que foram criadas por leis/decretos no referido período. No entanto, vale ressaltar que existe um número significativo de locais públicos dispersos pela cidade, alguns dotados de equipamentos de lazer, mas que não constam legalmente como uma praça pública, embora assumam essa função nas áreas mais periféricas da cidade. Geralmente, estão associados às organizações de bairro como as associações de moradores.

Por outro lado, não podemos deixar de fazer menção aqui às “praças de papel”, locais que constam do ponto de vista legal como praças públicas, mas que não existem ou, então, tiveram seu espaço destinado a outras funções. Alguns exemplos dessas ações do poder público municipal são os seguintes:

1) Praça João Fordkcamp: O local destinado à referida praça foi transformado no Centro Integrado da Vila Primavera, composto pelo clube da terceira idade, posto de saúde e creche; 2) Praça Tomé Cebolski: Onde deveria ser uma praça, funciona hoje o Centro Integrado Morro Alto, composto por creche e posto de saúde. Aberta ao público, existe uma quadra esportiva que atende à população do entorno; 3) Praça Leonardo Coblinsk: Mais um exemplo da destinação do espaço público a outras funções é o da referida praça, na Vila São Marcos, Bairro Boqueirão. Foi construída em parte do local a Escola Municipal Raul Henrique Lupatelli, enquanto o restante da área continua ociosa.

Não entrando no mérito da questão, avaliando se isto ou aquilo é mais importante, queremos ressaltar que a preocupação funcionalista do poder público desconsidera algumas necessidades básicas do cidadão no que diz respeito ao “direito à cidade” como nos alerta Lefebvre (2001) ou do simples “direito ao entorno” lembrado por Santos (1996).

### **Considerações finais: um esforço de síntese**

A relevância dos dados empíricos aqui apresentados revela muito mais

do que as características específicas do local e sim uma tendência da produção e utilização do espaço urbano. É nesse sentido que, embora todas as cidades disponham de praças públicas enquanto locais destinados ao encontro, à interação, aos momentos de lazer, à expressão cultural ou até mesmo de contemplação, poucas apresentam esses locais de forma a permitir o acesso e apropriação para as múltiplas funções que os mesmos podem proporcionar ao cidadão.

No entanto, observamos nas atuais circunstâncias, que a atuação dos diversos “agentes produtores do espaço urbano” (CORRÊA, 2001) denotam a primazia pela produção de uma cidade enquanto produto e funcionalista do ponto de vista socioeconômico, conseqüentemente, contraditório no que tange à realização do “direito à cidade”. Em função das necessidades da reprodução do capital, observamos uma relação desigual e/ou combinada de contraposição entre o público e privado. Entre interesses sociais de cunho coletivo e interesses econômicos de natureza individual ou privada, prevalecem os últimos, ficando aquilo que é público em segundo plano ou ainda considerado como problema.

Os reclamos pelos espaços públicos urbanos são, na maioria das vezes, amenizados com recursos que sobram de outras atividades, consideradas como prioritárias e que, geralmente, incluem-se nesse âmbito, aquelas de cunho estratégico, político e econômico. Por isso, os recursos e os terrenos destinados à implantação de novas praças públicas, geralmente são exíguos, enquanto

umentam as necessidades reais criadas pela expansão urbana.

O estudo ora realizado constatou que as praças públicas da cidade de Guarapuava concentram-se na área central, visto que seis das dezesseis praças estão localizadas neste setor da cidade ou muito próximos dele. Isso preocupa, quando é sabido que nessa área residem aproximadamente 5% da população da cidade e que representa, aproximadamente, 3% da sua área total. Podemos afirmar também que, além da centralidade do ponto de vista da localização, esses espaços representam, da mesma forma, uma centralização do poder e embelezamento das edificações públicas. As praças guarapuavanas passam-nos uma idéia de espaços ornamentais pelo fato da concentração no centro da cidade e pela atenção dispensada em reformas e manutenção.

Em contrapartida, nas áreas periféricas, quando esses espaços lá existem, geralmente são sobras de terrenos sem paisagismo e equipamentos, geralmente sem condições de uso pela população de menor renda que não pode usufruir de um local que, por direito, deveria existir em seu entorno. Realçando aquilo que diz Santos (1997, p. 91) “a distância geográfica é duplicada pela distância política”.

O sucesso de uma praça pública está diretamente ligado à sua utilização. Para tanto, é oportuno salientar que quanto mais próximo do local de moradia, tanto mais efetiva será a utilização. A existência de uma praça no bairro é um fator para que a população passe a zelar por ela, criando nesse local a noção de um espaço



de interação socioespacial. Como ressalta Egler (2000), que a praça continue sendo o lugar reservado ao encontro, o grande espaço dedicado ao estar na cidade. É por meio dos espaços e dos caminhos da cidade e pelos percursos do cotidiano urbano que podemos tornar visível sua multiplicidade de usos, suas diferenças, sua pluralidade e particularidade.

Para concluir, lembramos Negt (2002), quando enfatiza que:

a importância da vida urbana, sempre esteve ligada a alguma forma de ambiente público transparente para seus participantes. A cidade sempre esteve ligada a formas de ambiente público, como praças e assembleias públicas, o areópago, tribunais públicos - sua forma pública não é um fenômeno casual. (...) quando desaparece essa forma de ambiente, desaparece também a vida urbana (NEGT, 2002, p. 23).

## Referências

CARLOS, A.F.A. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Espaço-tempo na metrópole: fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CORRÊA, R. L.. *Trajéorias geográficas*. Prefácio de Milton Santos. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DALLA VECHIA, Z.H. et al, *Guarapuava em dois tempos: os contrastes de uma cidade (1819 - 1989)*. FAFIG: Guarapuava, 1989.

DE ANGELIS, B. L. D.. *A praça no contexto das cidades o caso de Maringá - PR*. 2000. 367f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

EGLER, Tamara Tania Choen. Interação social no espaço urbano: encontros ou confrontos. In: RIBEIRO, A.C.T. (Compiladora) *Repensando la experiencia urbana de América Latina: cuestiones, conceptos y valores*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 205 - 221.

GOMES, P. C. C. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GUARAPUAVA. *Perfil da cidade de porte médio*. Paraná: programas de investimentos urbanos. CNDU/FAMEPAR/SUDESUL, Guarapuava, 1986.

KOBELINSKI, M. *Guarapuava é isto aqui: da sedução dos discursos ao Marketing da cidade*. 294f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO - Guarapuava - PR, 1994.

LE GOFF, J. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

- LEFEBVRE, H. *O direito a cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LOBODA, C. R. *Estudo das áreas verdes urbanas de Guarapuava - PR*. 160f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá. Curso de Pós-graduação em Geografia. Maringá, 2003.
- MARCONDES, G. G. *Guarapuava: história de luta e trabalho*. Textos históricos. Guarapuava: UNICENTRO, 1998.
- MARQUES, M. T. T. *De onça a rouxinol: a favela e a cidade (1950 - 1999)*. 216f. 2000. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista - UNESP/Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Guarapuava, 2000.
- MARX, M. *Cidade no Brasil terra de quem?* São Paulo: Nobel/Ed. da Usp, 1991.
- NEGT, O. Espaço público e experiência. In: PALLAMIN, V. M. (Org.) *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 17 - 26.
- REIS FILHO, N. G. *Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720)*. São Paulo: EDUSP, 1968.
- SALDANHA, N. *O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e método*. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Espaço do cidadão*. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1996.
- SENNET, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. 5. ed. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SERPA, A. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. In: *GEOUSP - Espaço e Tempo*. n. 15. São Paulo, 2004. p. 21 - 37.
- SILVA, J. M. *Valorização fundiária e expansão urbana recente de Guarapuava - PR*. 1995. 191f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, letras e Artes da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- SILVA, W. P. *Guarapuava: crônica de uma cidade anunciada (1819 -1978)*. 116f. 1999. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual Paulista - UNESP/Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Guarapuava, 1999.
- SOUZA, E. L. *Usos, controle e preservação do recurso água na Cidade de Guarapuava-PR*. 1995. 97f. Monografia (Especialização em Geografia Física) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava, Guarapuava - PR, 1995.

LOBODA, C. R.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano em dez anos de Gasper: reflexão individual sobre uma trajetória coletiva. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) *Produção do espaço e redefinições regionais*. Presidente Prudente: Unesp/Fct/Gasper, 2005. p. 85 - 116.

YAZIGI, E. *O mundo das calçadas*. São Paulo: Humanitas/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2000